

A Notícia-Acontecimento em uma Ideologia da Solução Autoritária: o golpe de 1964 no Brasil segundo o diário argentino Clarín

The New-Fact in an Ideology of the Authoritative Solution: the 1964 coup in Brazil according to Argentine daily Clarín

Helder Gordim da Silveira
Departamento e PPGH – PUC/RS
helders@puers.br

Resumo: Este artigo analisa a forma pela qual o diário argentino *Clarín* relatou/representou o golpe civil-militar de 1964 no Brasil enquanto notícia/acidente, buscando enfatizar como o discurso jornalístico, mobilizando imagens e interpretações recorrentes, possivelmente atuou como um importante componente de uma ideologia da solução autoritária frente à crise política e institucional que crescia na região desde, pelo menos, a década de 1950.

Palavras Chave: Ditadura Civil-Militar; Argentina-Brasil; Jornal *Clarín*

Abstract: This paper analyses the way by which Argentine daily Clarín reported/represented 1964 civilian-military coup in Brazil as a new/fact, intending to underline how that journalistic discourse, as it mobilizes recurrent images and interpretations, possible acted as an important component of an authoritative solution ideology face of the political and institutional crises that were growing in the region since as early as the decade of 1950.

Keywords: Civilian-Military Dictatorship; Argentine-Brazil; Clarín Newspaper

Introdução

No interior do processo de mundialização do sistema de informação, com os *mass media* e a chamada *imprensa informativa moderna* ao centro, as relações internacionais, embora conservando o Estado-Nação como sua unidade essencial, são progressivamente marcadas, pelo menos desde o final do século XIX, pelas formas como a produção discursiva, posta pelos mecanismos de difusão e pelas posições de poder dos órgãos de tal imprensa, representa, interpreta e constitui os *acontecimentos* do meio internacional, sejam eventos do campo propriamente das relações inter-estatais, sejam fatos relativos às políticas internas com efeitos internacionais de Estados que são assim postos como relevantes em tal cenário.

Tem-se como perspectiva teórica, por um lado, os termos da discussão posta por Pierre Nora (1979) em texto célebre a respeito da natureza do *acontecimento* como categoria

constituente da história contemporânea e, por outro, a tradição analítica relativa ao conceito de ideologia, atualizado em John Thompson (1995), como forma geral de interpretação de um possível papel histórico das formas simbólicas no universo do político. O papel central dos meios de comunicação de massa, particularmente da imprensa, constitui ponto comum destes planos de reflexão conceitual, na História e na Sociologia da comunicação social.

A respeito da construção da notícia-acontecimento com cerne do fenômeno de comunicação de massa na modernidade, Muniz Sodré assevera:

o jornalismo (...) mobiliza diferentes tipos de discurso, mas a sua moderna centralidade conceitual apóia-se na notícia. E esta forma de captação e comunicação do fato é uma dessas estratégias cuja mitologia liberal-mercadológica costuma fazer esquecer os procedimentos retóricos e imaginosos que presidem à construção do acontecimento (2009, p. 15)

Assim, seguindo os fundamentos conceituais propostos pelo autor, entende-se aqui o discurso jornalístico moderno essencialmente como narrativa embasada na categoria *notícia*, a qual, mobilizando formas discursivas diversas, bem como narrativas de natureza diversa, constituem o que no plano do espaço público pode se por como *acontecimento*.

Nesse sentido, sustenta-se que tais formas de construção/interpretação de um *acontecimento*, particularmente em um país estrangeiro, operadas pelos meios de comunicação de massa e “afinado com a estrutura ideológica do sistema informativo, cuja forma mais evidente é a presumida *transparência* da realidade” (SODRÉ, 2009, p.16. Grifo no original), podem constituir-se para certa comunidade de leitores, como racionalizações de uma ameaça a ser evitada, um exemplo a ser seguido ou uma manifestação de tendência posta como inevitável, apenas para exemplificar.

Especificamente na conjuntura da década de 1960, Brasil e Argentina atravessam os impasses e conflitos dramáticos condicionados pela crise dos respectivos modelos de modernização socioeconômica das eras varguista e peronista como projetos nacionais, diante do cenário hemisférico e global da Guerra Fria, no qual a Revolução Cubana atuava como um extraordinário catalisador de tensões sociopolíticas (CAVLAK, 2007; RAPOPORT e LAUFER, 2000).

Nesse contexto, os elementos discursivos constituintes de uma ideologia da solução autoritária, construída fundamentalmente na grande imprensa já ao longo da década anterior, associam-se às posições de poder dos grupos antivarguista e antiperonista no interior das

Forças Armadas e em diversas esferas civis. Os condicionantes políticos do suicídio de Vargas e da deposição de Perón pela *Revolução Libertadora* de 1955 são emblemáticos das ações institucionais e extra-institucionais de tais grupos que, no entanto, por razões diversas, não logram obter imediatamente um reordenamento estável da ordem interna na direção de suas projeções (DONGHI, 2000; DE RIZ, 2000; POTASH, 1994; GOLDWERT, 1972)

O *Clarín*: Origens e Trajetória

Em 28 de agosto de 1945, com a primeira página de logotipo vermelho dominada pelas notícias do término da Guerra, com 150.000 exemplares de 20 páginas, ao preço de 5 centavos, cerca da metade dos grandes diários, aparecia nas ruas de Buenos Aires o matutino *Clarín*, em formato tablóide, inspirado no inglês *The Mirror* e à semelhança do argentino *El Mundo*. Tratava-se de um empreendimento do político, jornalista e estancieiro Roberto Jorge Noble, dissidente do socialismo na década de 1920. Noble, nos anos 1930, alinhando-se aos grupos anticomunistas, fundara o chamado socialismo independente e chegara a ocupar a pasta de ministro do interior do governo conservador da província de Buenos Aires, presidido por Manuel Fresco.

Ao que parece, o *Clarín* representava para seu proprietário um projeto de natureza tanto política quanto comercial. Para tentar superar a relativa obscuridade, por um lado, e lucrar com o empreendimento jornalístico, por outro, Noble vendera uma de suas principais propriedades rurais para investir na compra de bobinas de papel, artigo bastante caro nas condições do pós-guerra. No mais, com um investimento inicial da ordem de 1.250.000 dólares da época, o *Clarín* surgia em sede muito modesta, na rua Moreno, com pessoal reduzido, embora qualificado e experiente, alugando as impressoras de *Noticias Gráficas* e com um futuro bastante incerto.

Sobre o surgimento do novo jornal portenho, Carlos Ulanovsky afirma que “*Clarín* salió a la calle con la idea de apoyar los cambios de un país tradicionalmente agrícola-ganadero que ahora aspiraba a hacerse fuerte en grandes, medianas y pequeñas industrias y a desarrollarse más dentro de fábricas que en el campo” (2005, p. 109).

Até o final da década de 1940, as incertezas iniciais converteram-se em um grande êxito empresarial, com o *Clarín* crescendo vertiginosamente em vendas, em influência e popularidade. Carlos Ulanovsky alinha alguns fatores deste sucesso do matutino portenho.

Primeiramente, o autor aponta nesse sentido a eficiência do sistema de distribuição, através do qual o *Clarín* chegava aos pontos de venda na capital federal argentina antes dos demais matutinos, havendo renunciado, nos primeiros anos, a disputar posições no interior do país. O diário de Noble, nesse período de crescimento inicial, apelava basicamente aos temas locais de Buenos Aires, conferindo destaque, até então inédito na grande imprensa informativa, às seções de esportes e espetáculos, tidas como banais ou “populacheras” pelos demais grandes jornais. Durante o primeiro governo de Perón, segue o autor, *Clarín* constrói uma imagem pública de independência, não sofrendo controle excessivo por parte do regime que se implantava, o qual parecia não lhe reconhecer poder de influência, em que pese o crescimento permanente de sua circulação e vendas (2005, pp. 111-112).

De resto, o *Clarín* iria atravessar a era peronista, até 1955, usufruindo dessa posição independente, em contraste inicial com os matutinos *La Prensa*, *La Nación* e *El Mundo* e os vespertinos *La Razón*, *Crítica* e *Noticias Gráficas*, que mantiveram, a princípio, posição abertamente hostil ao líder popular e sua política, a qual vinha desde os tempos de Perón como ministro do trabalho e previdência do governo Farrel.

Quando chegou à presidência, em 1946, Perón de fato contava apenas com o apoio declarado do diário *La Época*. Em contraste, quando de sua queda em 1955, o líder justicialista controlava uma grande cadeia nacional de jornais, composta por *La Razón*, *Democracia*, *El Laborista*, *La Época* e *Noticias Gráficas*, além de cinco diários do interior e outros órgãos que não se articulavam oficialmente à cadeia peronista, mas mantinham posições mais ou menos sistemáticas de apoio à linha política do regime.

Fora deste grande círculo da imprensa oficialista ou semi-oficialista, permaneceram, entre os grandes diários, *La Nación*, *La Prensa* e *Clarín*. Este, todavia, em contraste com os dois primeiros, evitava apresentar-se como de oposição aberta e sistemática, preferindo alimentar a imagem de independência. Segundo Carlos Ulanovsky, as restrições de toda ordem e a censura peronista recaíam mais pesadamente sobre *La Nación* e *La Prensa*, podendo assim o *Clarín* absorver leitores, anunciantes e a importante renda dos classificados do público leitor desses grandes jornais opositores do peronismo.

No pós-1955, sob a égide da tutela militar sobre o sistema político argentino oriunda da *Revolución Libertadora*, *Clarín* manteria posição estritamente legalista sob os governos Frondizi e Illia, representantes, respectivamente, das duas facções em que se cindira o radicalismo.

Ao final da década, o campo jornalístico argentino via os efeitos de um intenso processo de modernização e renovação em parte determinado pela abertura do país aos mercados e centros de informação internacionais, notadamente a partir de Frondizi. Verificava-se um *boom* editorial no país, com destaque para o surgimento de novas revistas semanais ao estilo das estrangeiras *Time*, *Newsweek*, *Der Spiegel* e *L'Express*, que igualmente circulavam pelas regiões mais urbanizadas do país, notadamente Buenos Aires. Era o caso, no princípio dos anos 60, de *Primera Plana*, *Panorama*, *Confirmado*, *Todo e Gente*, para exemplificar, que disputavam um público leitor que fixava novos hábitos de consumo e de comportamento, assim como competiam pela renda da nova publicidade ligada às agências e empresas multinacionais que se instalavam no país. Uma nova geração de jornalistas, oriundos da academia e do campo literário ingressam nos diários e revistas semanais. O *Clarín* não ficaria alheio aos novos tempos:

Los cambios llegan a *Clarín*. Conducida por Moisés Scherbor Jacoby y Luis Clur, la redación reunía a muchos consagrados de *Crítica* (...) y a jóvenes como Esteban Peicovich, Roberto Cossa, Rodolfo Rabanal y Valentin Vergara. Por decisión de Jacoby, el logo de *Clarín*, hasta entonces em rojo, pasa a imprimirse em negro, pero son otras las cuestiones que dan color al diário: la sección económica que maneja Oscar Garcia Rey y la información militar que abastece, entre otros, Enrique Ramos de Madariaga (ULANOVSKY, 2005, p. 170)

A renovada redação do *Clarín* de fato abrigava, na virada da década, nomes que em seguida teriam enorme relevância no jornalismo argentino: Hector Ricardo Garcia, que fundaria o diário *Crónica*, Jacobo Timerman, que criaria o diário *La Opinión* e as revistas *Primera Plana* e *Confirmado*, Julio Ramos, de *Ámbito Financiero* e Bernardo Neustadt, que dirigiria *Todo*.

Desse modo, o diário de Noble, que viria a falecer em 1969, afirmava-se como grande empresa jornalística neste cenário de intenso crescimento e diversificação do campo. Apesar de sofrer relativa perda na competição por publicidade, juntamente com *La Nación* e *La Prensa* no começo dos anos 60, em 1963 o *Clarín* torna-se o jornal de maior circulação na capital argentina (LONGHI e SILVEIRA, 2010, p.158), posição que se consolidaria nos anos seguintes.

A cobertura da crise final do governo Goulart nas páginas do *Clarín*, a ser aqui examinada, insere-se em um contexto particularmente dramático das relações entre os campos político e jornalístico na Argentina. Muitos autores chegam mesmo a sustentar a existência de

um “golperiodismo” contra o governo de Arturo Illia, da Unión Cívica Radical del Pueblo (TARONCHER, 2009; POTASH, 1972, ULANOVSKY, 2005; DÍAZ, 2007; PANDOLFI e GIBAJA, 2008), fundado em prática abertamente conspiratória e/ou na difusão de uma forma de discurso anticomunista-antipopulista posto como modernizador, um dos fundamentos da ideologia da solução autoritária. Os exemplos mais destacados nessas perspectivas de análise são as revistas semanais *Primera Plana e Confirmado*, mas igualmente se destaca a virulência dos editoriais e a oposição sistemática contra o governo Illia dos grandes diários, como *La Nación e La Prensa*, bem como o papel de colunistas desses diversos órgãos, tais como Juan José Guiraldes, Mariano Montemayor e Mariano Grondona.

O *Clarín* e a Crise Brasileira

Ao longo da segunda quinzena de março e o princípio de abril de 1964, o diário de Noble constitui para seu público leitor a cadeia de notícias-acontecimentos que compõem o quadro da crise institucional no país vizinho por meio de matérias informativas baseadas nas agências internacionais, principalmente a Associated Press (AP), a France Press (AFP) e a ANSA, artigos assinados e editoriais. O Brasil foi tema em praticamente todas as edições, embora, diferentemente de *La Nación*, por exemplo, o país só ganhe a primeira página a partir de 31 de março.

Pode-se verificar um certo contraste entre as matérias predominantemente informativas e aquelas com teor mais diretamente posicionado ou opinativo no jornal. Aquelas, construídas basicamente a partir do material das agências, acabam por conformar-se de modo bastante semelhante a outros grandes diários, como *La Nación*, podendo-se ali verificar estratégias variadas de construção de imagens entrecruzadas de um país à beira do caos e sob grave ameaça de ruptura da ordem institucional por iniciativa do governo Goulart, associado a variadas organizações *comunistas*. Nas referidas matérias de caráter opinativo, entretanto, o jornal tende a exibir sua face fundamentalmente legalista, a partir da qual relacionava-se com o governo Illia.

A *notícia* relativa ao comício de 13 de março, baseada em material da AP, põe-se sob a manchete “Goulart Promulgó la Reforma Agraria y la Nacionalización de Todo el Petróleo (14/03/1964, p. 4). No texto em destaque, sob a manchete, que se põe como introdução ao restante da matéria, lê-se:

mientras tres mil soldados con cascos de acero y armados con ametralladoras livianas montaban guardia en la plaza central de Rio de Janeiro, el presidente João Goulart firmó el discutido decreto de reforma agraria, que abre el camino a la distribución de tierras entre centenares de miles de campesinos brasileños que no las poseen (idem)

O texto dá o tom da matéria, onde se pode ver um presidente apoiando-se nas forças armadas para impor decretos com propósitos “populistas” que claramente ameaçavam de variadas formas o instituto basilar da propriedade privada.

A matéria destaca como personagens principais do *acontecimento*, além do próprio presidente, ao governador Carlos Lacerda, seu adversário “irreconciliável”, que o texto informa haver proibido o comício, e a seu cunhado, deputado Leonel Brizola, de cujo discurso se destaca a exortação significativa para o quadro: “los que quieren un gobierno nacionalista y popular que levanten la mano”.

A matéria se conclui com destaque da fala do presidente na qual este aparece enfrentando uma oposição potente e difusa e, apesar ou sobre esta, anunciando urgência excepcional para as reformas de toda ordem, posta em prazos determinados, como o de 60 dias para começar a distribuir terras.

As repercussões do comício são construídas ainda em matéria dominada pelos textos da AP, cujo teor a diagramação do *Clarín* tende a reforçar. A Manchete, nesse sentido, é “Brasil: Severas Críticas a Goulart” (15/03/1964, p. 7). De fato, a suposta repercussão do comício é toda posta em termos condenatórios e negativos, seja na palavra da oposição ao governo, à qual a agência dá voz exclusiva nos textos informativos, seja na difusão do posicionamento de vários jornais do Rio de Janeiro, que surgem como representantes de um personagem coletivo recorrente: a “imprensa brasileira independente”, desde sua posição de órgão-chave de uma ordem liberal-ocidental.

Desse modo, o texto destacado em corpo maior, abaixo da manchete, desde tal posição introdutória, dá voz a Carlos Lacerda. Surge ali o governador da Guanabara por meio de seu jornal *Tribuna da Imprensa* afirmando: “Cayeron las caretas. Empezó la guerra revolucionaria. El jefe público del partido de la subversión es Goulart, hasta que los comunistas estimen oportuno reemplazarlo” (Idem). Na voz de Lacerda, a imagem recorrente de Goulart, o presidente a um tempo ingênuo e subversivo, posto na condição de líder inconsciente de uma ruptura institucional iminente de conteúdo *comunista*.

Quanto ao restante da imprensa brasileira, o texto originário da AP difundido no *Clarín* excetua a *Última Hora*, posta como “órgano del partido laborista” e a quem não se dá nenhuma visibilidade, ao contrário da *Tribuna* de Lacerda, para informar o leitor argentino que “todos los grandes diarios de Rio juzgan hoy severamente el mítin popular celebrado ayer con la participación del presidente Goulart” (Idem).

A matéria - ladeada por radiofoto do comício exclusiva da AP ostentando legenda na qual o *Clarín* novamente destaca a presença de contingente militar de segurança - estrutura-se assim com os posicionamentos do *Jornal do Brasil*, de *O Jornal* e do *Jornal do Comércio*, de Assis Chateaubriand. Em todos são destacadas passagens que colocam o presidente e seus “aliados comunistas” como golpistas, estando a dita democracia brasileira assim em cheque. Ameaça de violação da ordem constitucional e exortação pública à luta de classes são elementos que se justapõem para compor a imagem do governo e da crise brasileira.

Significativamente, a matéria se encerra dando voz a Joseph Macedo, suposto líder de fazendeiros de Minas Gerais, que surge na cena do *acontecimento* afirmando: “los agricultores están unidos y armados para defender sus propiedades, cueste lo que costare”.

Nos dias que seguem, o *Clarín* segue veiculando informações das principais agências que tendem a constituir um quadro de intensa crise política, talvez já marcada por características de um confronto civil que ensaiava assumir proporções nacionais, com violência revolucionária. Nesse tom, direta ou indiretamente, são noticiados a ação policial contra os grupos de estudantes que tentavam impedir João Pinheiro, líder da reforma agrária brasileira, a falar na Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro (18/03/1964, p. 5); a ação de bloqueio de estradas por grupos de desempregados em Brasília, que *Clarín* confunde com o Rio de Janeiro (19/03/1964, p. 9) e a greve dos trabalhadores de telecomunicações, em protesto contra a demissão de funcionários da *All America Radio* (Idem).

É nesse quadro *informativo*, composto pelo material das agências, que nas páginas do *Clarín* seria construída a notícia-acontecimento da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo. A Manchete, em grande medida, anuncia e reforça o teor do texto proveniente da AP e da ANSA: “San Pablo: Gigantesca Demostración Contra el Programa de Joao Goulart” (20/03/1964, p. 2). O anúncio se explicita com a voz do governador paulista Adhemar de Barros, que é posta logo abaixo da manchete, em corpo destacado: “advierete Adhemar de Barros que Brasil puede resultar otra Cuba”.

A matéria abre dando conta do caráter absolutamente pacífico da marcha, posto na voz da polícia paulista. A paz apenas teria sido interrompida brevemente por culpa de um homem que teria provocado os manifestantes gritando “Viva Jango (...) y viva el comunismo” (Idem). Pelas agências, as vozes que se associam de algum modo na matéria à marcha, posta como “evidente réplica a la concentración que hubo en viernes en Rio de Janeiro”, são as de Adhemar de Barros e de Eurico Gaspar Dutra, este por meio de uma destacada entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, sempre posto como “diario independiente”.

As manifestações de Adhemar e Dutra ocupam a maior parte do espaço destinado à *notícia* da Marcha e parecem assim conferir o pano de fundo do sentido da manifestação anti-Goulart no interior do quadro da crise brasileira. Por seu turno, o governador de São Paulo aparece mais uma vez ali afirmando: “Brasil se encuentra en una situación difícil, tal vez la más difícil de toda su historia” E seguia: “el país se halla frente a dos caminos: seguir el cauce de la democracia, en la lucha por su evolución dentro de los principios de las libertades humanas, o bien ceder a la presión de los actuales dirigentes de la nación y transformarse en una nueva Cuba”.

De seu lado, Dutra, “bajo cuya presidencia el gobierno democrático se consolidó en Brasil”, aparece igualmente advertindo sobre a gravidade da situação no país e mencionando mesmo o risco iminente de “una irremediable secesión interna”.

Significativamente, a *notícia-acontecimento* da Marcha da Família é encerrada com notas sobre o declínio da bolsa e a elevação dos índices inflacionários.

Os protagonistas da oposição a Goulart e ao processo das reformas seguem ganhando visibilidade nas páginas do *Clarín* através das agências de notícias ao longo dos dias que seguem. A Manchete do dia 22 de março é ilustrativa nesse sentido: “Brasil: Señalan los Adversarios de Goulart el Peligro de Una Dictadura”. E, em corpo menor, como complemento: “Afirmase que es el Objetivo del Presidente” (22/03/1964, p. 6). O destaque inicial da matéria, em tipo e corpo destacados, é dado pela voz do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, posto como de tendência liberal-moderada, que aparece ali afirmando: aún cuando las transformaciones revolucionarias (...) requeridas por el proceso inflacionario no puedan ser ignoradas, nosotros afirmamos que la revolución implantada desde arriba no es outra cosa que un golpe de estado”. E concluía: “Nosotros estamos dispuestos a combatir el golpe”.

Significativamente, a matéria na qual se reforça a imagem de um presidente golpista, é concluída com dados “objetivos” fornecidos por outra agência de notícias (AFP) dando conta da elevação, em ritmo excepcionalmente acelerado, do custo de vida através de números, provenientes da Fundação Getúlio Vargas.

Na mesma edição de 22 de março, na Seção assinada de análise política *Panorama Americano*, (p.26) surge no *Clarín* um primeiro posicionamento explícito sobre o recente recrudescimento da crise brasileira. É notável como essa matéria de conteúdo posto como analítico-opinativo, em seção que sempre expressa posição muito próxima àquelas de caráter propriamente editorial, contrasta com as matérias “informativas”, baseadas nas agências, conforme mencionamos acima.

É ilustrativa nesse sentido a forma como o articulista abre a seção:

El paso de Goulart hacia un plan de reformas que, necesariamente, debía irritar a las derechas (alérgicas sobretudo a cualquier novedad de tipo social basada en ‘expropiaciones’) trajo las consecuencias previstas. Durante toda la semana, y a partir de la gigantesca manifestación ‘trabalhista’ realizada en Rio de Janeiro, se movilizaron los ya habituales recursos para contrarrestar todo giro (o siquiera un simple amago) hacia la izquierda (Idem).

O texto sustenta ser a situação previsível a partir dos compromissos à esquerda assumidos por Goulart, pelo menos desde o plebiscito de 1962, que lhe devolvera as prerrogativas presidenciais, o que teria sido desde ali adiantado pelo analista nas páginas da seção *Panorama Americano*. O presidente teria, inclusive, segundo a análise, trabalhado desde ali para compor um decisivo respaldo militar para apenas então colocar em prática seu plano recente de reformas. O autor não acredita, absolutamente, na possibilidade de um golpe de Estado, apesar dos projetos nessa direção, sustentando sempre que a solução haveria de dar-se no campo político institucional, no qual a figura de Juscelino Kubistchek e seu partido “de centro” provavelmente seriam os vitoriosos, a partir de 1965.

É assim que, contrastando com outros órgãos da imprensa argentina no contexto, e seguindo o legalismo em que se baseava o jornal para posicionar-se explicitamente no contexto político interno da Argentina, pode o *Clarín* veicular uma análise bastante singular na grande imprensa, segundo a qual “la situación en Brasil no es tan ‘grave’ como lo han sostenido algunos líderes (interesados en que lo sea). E, a partir dessa assertiva básica, as previsões: “habrá conflictos, (...) pero no decisivos cuando se lleven adelante las reformas; [o presidente] debe contar con suficiente apoyo militar; se intentarón crear más dificultades al

gobierno, inclusive promoviendo actos de violencia”. E assim: “puede preverse un período de inestabilidad, desordenes etc., pero no un cambio de estructuras”.

O jornal viria a explicitar posicionamento editorial sobre a situação brasileira, mais ou menos em acordo com o exame do articulista da seção *Panorama Americano*, na edição do dia 26 de março. O título da peça editorial expressa o argumento central do texto: “Brasil, en un Paréntesis” (26/03/1964, p. 6).

Situando o princípio da crise atual na renúncia de Janio Quadros, em agosto de 1961, a qual qualifica como “un injustificable arresto temperamental”, o editorial do *Clarín* não deixa de reconhecer a gravidade da situação:

Se llega así al panorama de hoy: un ovillo enmaranhado en que los hilos políticos, los económicos y los sociales están en tal forma entrelazados que solo por abstracción mental pueden considerarse aisladamente. Y lo mismo puede decirse de cada acto de gobierno (Idem).

Isso posto, o texto faz um balanço dos principais atos governamentais, manifestando apoio e concordância com aqueles que põe como sendo do campo econômico e social, como a reforma agrária, qualificada como “uma medida acertada”. Todavia, aqueles atos ditos do campo político, são condenados, na medida em que, segundo o editorial, visariam claramente à continuidade de Goulart na presidência, em desacordo com a ordem constitucional brasileira. Assim, o editorialista pode sustentar uma posição legalista, análoga àquela que o *Clarín*, em linhas gerais, exibia frente à política doméstica argentina: “si el golpe revolucionário que algunos propugnan es condenable, no lo és menos la perpetuación en el poder”. E segue: “una cosa es la continuidad de las instituciones y outra muy distinta la de las personas”.

De todo modo, o jornal não deixa de reproduzir, ao menos parcialmente, a idéia de caos, bastante recorrente na grande imprensa em ambos os países:

Todo ese proceso político no podia sino gravitar negativamente en la vida económica del país. Inestabilidad, distracción y dispersión de fuerzas, incertidumbre, falta de conducción, objetivos no del todo claros por un lado y oposición sistemática por el outro: He ahí una serie de elementos que configuran un cuadro nada alentador.

É precisamente esse quadro nada alentador que o editorial qualifica como um parêntesis na vida brasileira. Parêntesis de frustração que teria sido aberto após o período de Juscelino Kubistchek, no qual teriam sido lançadas as bases para o desenvolvimento brasileiro

que no momento, segundo o editorial, encontrar-se-ia “frenado” e “desvirtuado”. É assim que o editorial se conclui, deixando possibilidades em aberto para o fechamento do parêntesis histórico brasileiro, talvez em analogia com a situação argentina: “aquellas bases aún están en pie. Pero Brasil vive entre parêntesis; un parêntesis que ya se prolonga demasiado. Y la vida de las naciones no admite pausas”.

Pode-se notar assim um contraste entre as opiniões expressas do jornal, em matéria assinada e editorial, e o conteúdo geral das matérias postas como informativas, bem mais numerosas e constantes nas edições examinadas. Naquelas, percebe-se uma visão legalista da situação brasileira, embasada em uma condenação a qualquer forma de ruptura institucional na ordem da democracia representativa, seja por parte do governo, seja por parte das oposições, sem que uma ameaça comunista apareçam mobilizados para justificar aquelas formas de ação, à direita. Já nas matérias informativas, o jornal veicula sem restrições, e mesmo reforça por meio das estratégias acima discutidas, uma visão recorrente na grande imprensa da situação brasileira, marcada pelo anticomunismo e pela justificação, velada ou explícita de uma ruptura reativa e depuradora da ordem institucional.

Um exemplo marcante nesse sentido pode ser notado na forma como o jornal *noticia*, na mesma edição do editorial examinado, o projeto do governo brasileiro de estabelecer o monopólio estatal sobre as importações de papel para jornais, com base em material da AP e da Reuter. A manchete dá novamente voz a um personagem constante nas páginas do *Clarín*, via agências: “Goulart Quiere Emular a Vargas, Dijo Lacerda” (26/03/1964, p. 7). E o texto introdutório, em tipo e corpo de destaque:

El gobernador Lacerda dice que El presidente João Goulart, con ayuda de los comunistas, quiere perpetuarse en el poder. Lacerda (...) dice (...) que no hay la menor duda de que Goulart no quiere elecciones, y trata de imitar al dictador Getulio Vargas.

No interior do texto, repete-se a visão de um presidente golpista e ingênuo, na verdade manipulado quando pensa manipular “os comunistas”. A notícia do projeto do monopólio do papel é assim construída de forma completamente subordinada às supostas intenções golpistas do presidente, em que pese breve menção à versão oficial, que alegava economia de divisas e fim dos privilégios de taxa cambial nas operações de importação em causa. De fato, a matéria se encerra com reprodução da posição do diário *O Jornal*, posto, uma vez mais, como exemplo de uma suposta posição geral da “imprensa brasileira independente”. Assim se ouve

a voz do diário carioca no *Clarín*: “lo que más preocupa al señor Goulart y a su digno cuñado, el diputado Leonel Brizola, es la libertad de prensa. (...) Ambos (...) la consideran intolerable y, en unión de sus consejeros comunistas, estudian frenéticamente la forma de liquidarla”.

As matérias com teor *informativo* a respeito da rebelião dos marinheiros, na semana santa que precede ao golpe de Estado no Brasil, seguem as linhas gerais dessas estratégias.

A primeira notícia a constituir o *acontecimento* aparece na edição de sábado, 28 de março, dia seguinte à rendição dos amotinados. A sub-manchete é significativa no sentido de enquadrar o fato na moldura de uma quebra dramática de hierarquia: “Un Cabo Drigió la Rebelión que Provocó la Caída de un Ministro” (28/03/1964. p. 5). Com base em textos da AP, da ANSA e da AFP, o tema ocupa praticamente toda a página, significativamente encabeçada, à esquerda, por um texto ao qual a diagramação confere destaque pelo enquadramento diferenciado, no qual o leitor é informado que “fue total la indiferencia del pueblo brasileño ante la crisis”. O texto segue informando que o feriado de semana santa e as ocupações com viagens e outras formas de descanso teriam sido mais do que suficientes para que a grave crise política não tivesse sido sequer percebida pelo ente coletivo e difuso que se põe como o “povo brasileiro”. É interessante notar que, não apenas o *Clarín*, mas vários outros órgãos da grande imprensa na Argentina e no Brasil passam a conferir destaque para o que é posto como “apatia e indiferença popular” em relação à crise e seu desfecho, a qual é enquadrada assim progressivamente como um movimento restrito às elites políticas e ao interior do aparelho de Estado brasileiro.

Um dos outros dois textos em destaque de enquadramento e que emolduram, à direita e abaixo, o conteúdo central da matéria diz respeito à presença, junto ao cabo Anselmo, líder do movimento, do marinheiro José Cândido, então com 92 anos de idade, e que liderara a revolta da chibata de 1910, o que parece conferir dimensão histórica dramática ao episódio. O outro texto colocado como informação destacada refere-se à censura sobre a imprensa, supostamente exercida pelo governo, que teria permitido somente a veiculação de comunicados oficiais sobre a rebelião, solicitando uma forma de “colaboração”. Reproduzindo novamente o que põe como posição da imprensa brasileira, o *Clarín* qualifica o fato como “censura con otro nombre”.

Parece relevante para a análise aqui proposta o modo como aparentemente a *notícia-acontecimento* se constitui. Trata-se de gravíssima e histórica quebra de hierarquia funcional nas Forças Armadas, à qual o “povo” assiste com indiferença e sob censura governamental.

Nos dois dias seguintes, que antecedem imediatamente ao início do golpe de Estado, os desdobramentos da rebelião dos marinheiros são *noticiados* ao público leitor argentino como uma crise, progressivamente insuperável por vias institucionais, entre o Alto Comando das Forças Armadas e o governo Goulart, vista sempre com indiferença pelo “povo brasileiro”.

Nessa direção, o jornal dará voz, por meio das agências internacionais (um enviado especial produzirá textos apenas a partir de abril), apenas aos jornais brasileiros qualificados como “imprensa independente” e aos adversários civis e militares do governo. É assim a manchete da edição do dia 29 de março: “Enfrentan a João Goulart los oficiales de la Marina” E, em texto de destaque sob a manchete principal: “afirman que resistirán por todos los medios la comunización” (29/03/1964, p. 3).

Essa caracterização da rebelião, e da dita condescendência governamental, como uma vitória da “esquerda comunista” e como anúncio de um golpe liderado pelo presidente, é reforçada pela voz uma vez mais da “imprensa brasileira”:

durante el día circularon insistentes rumores de que Goulart se proponía decretar el estado de sitio, colocando a Brasil bajo la ley marcial. De estas versiones se hizo eco la prensa, que en su mayoría interpretaba el desenlace de la revuelta como una vitoria izquierdista sobre las autoridades navales del país (idem).

No mesmo sentido, a visibilidade ao posicionamento de Helio Fernandes, diretor do nada independente *Tribuna da Imprensa*, para quem “Goulart obtuvo una vitoria total con la desorganización de la marina, que era la única fuerza hostil (...) a los métodos de gobierno”. Na mesma direção, a manifestação de um certo “almirante anónimo” ao independente *Jornal do Brasil*, segundo a qual “los acontecimientos de ayer señalan el fin de la marina, que sufre la doble humillación de ver su espíritu de cuerpo quebrantado y sentirse bajo la tutela del ejército”. Acrescenta-se ao quadro o depoimento do deputado da União Democrática Nacional (UDN), Lúcio Adauto Cardoso, para quem “entre la disciplina y el motín, el gobierno escoge el motín”. Todas essas vozes encabeçadas pela sub-manchete, com reticências: “Una Amplia Sonrisa...”. O sorriso é atribuído a Goulart, quando deixava o Palácio das Laranjeiras para dirigir-se a Brasília. De resto, as reticências em manchete parecem conter mais “informações” do que supõe o texto.

O tom geral das matérias *informativas* seguem esse mesmo rumo ainda na edição do dia 30, quando se *noticia* um ultimato da Marinha, talvez apoiado pelo Exército, para a punição dos marinheiros anistiados. Uma das manchetes caracteriza a situação no Brasil pelos substantivos “Tensión y Desconcierto” (30/03/1964, p. 7). Dá-se uma vez mais preferência completa às vozes de oposição ao governo, que aparecem aludindo a um iminente decreto de lei marcial no país. É interessante notar que se dá voz a um coletivo, sem nomes referenciais, posto como “los izquierdistas” que aparecem, talvez em coro, afirmando, entre aspas, terem considerado “satisfactorio y estimulante” o suposto resultado da crise recente.

Na edição do dia 31 de março - com as primeiras *notícias* das ações para depor Goulart, um golpe que pode, em função do quadro narrativo em que se põe, ser caracterizado direta ou indiretamente como reativo ou preventivo - o Brasil ganha inteiramente a primeira página do *Clarín*.

O quadro geral das *notícias* sobre o país vizinho é composto a partir de três eixos essenciais: a ameaça de greve nacional por parte da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), o discurso de Goulart no dia anterior, no Automóvel Clube do Rio de Janeiro e, significativamente, a posição do Departamento de Estado norte-americano sobre a situação brasileira.

A fala de Goulart é posta como “el discurso más violento que pronunció desde que asumió el poder” (31/03/1964, p. 1). No desenvolvimento da matéria, por via das agências mais uma vez, destacam-se trechos do pronunciamento presidencial, nos quais Goulart surge denunciando atividades conspiratórias para depô-lo e anunciando que resistirá, aparentemente por todos os meios disponíveis, para garantir seu mandato e a continuidade das reformas ditas de base. A figura e os gestos do presidente surgem no texto, de forma significativa para a composição da imagem: “su voz se alzó frecuentemente y gesticuló con vigor con los brazos en alto para hacer hincapié en sus afirmaciones” (idem, p. 2).

O tom da *notícia* sobre a ameaça de greve por parte da CGT, em caso de golpe, pode ser percebido pelo modo como se põe a introdução em destaque do texto: “la poderosa Confederación General de Trabajadores, dominada por comunistas, amenazó hoy decretar una huelga general ‘si se diera o se intentara un golpe de estado contra el presidente João Goulart’” (idem, p. 3).

É significativo notar que o *Clarín*, assim como vários outros órgãos da grande imprensa no Brasil e na Argentina, emprestam visibilidade, nesse dia ou nos dias que seguem,

a matérias, produzidas pela AP, ANSA e outras agências, que dão conta da posição da diplomacia e de parte da grande imprensa dos Estados Unidos a respeito da crise brasileira. Quanto ao setor diplomático, *noticia-se* que “el Departamento de Estado norte-americano dijo que el presidente João Goulart no solo há tolerado el crecimiento del comunismo en Brasil sino que su gobierno se há ‘negado a cooperar con eficacia’ en medidas contra la dictadura comunista de Fidel Castro en Cuba” (idem, p. 2). E segue: “la influencia de comunistas y extremistas de izquierda en grupos laborales, campesinos y estudiantiles, así como ‘en las fuerzas armadas y otros sectores’ es ‘tolerada por el presidente Goulart’, indicó el Departamento en su estudio de asuntos de la guerra fria desde 1960”.

Colado no texto, a reprodução, recorrente na grande imprensa, de editorial célebre do vespertino norte-americano *Washington Star*, posto uma vez mais na representação generalizada de uma “posição da imprensa”:

“el señor Goulart no impresiona favorablemente en este momento. Há estado en muy buenos términos con los comunistas, de una forma que sugiere que podría estar dispuesto a abrazarlos. Es esta una situación en la que un buen golpe efectivo (...) por parte de los líderes militares conservadores podría servir bien a los mejores intereses de toda América. De otra forma el régimen de Goulart podría llevar a los brasileños cuesta abajo, por la senda florida que lleva a un dominio comunista” (idem, p. 2).

Pode-se assim concluir, com algum grau de razoabilidade, ter sido a crise brasileira *noticiada* aos argentinos pelo *Clarín* como uma cadeia de *acontecimentos* constituídos a partir do pano de fundo de uma ideologia da solução golpista autoritária, fundada essencialmente no anticomunismo e suas derivações contextuais, em que pese o contraste que referimos acima do posicionamento explícito do diário, de viés legalista, o que mostra, talvez, a complexidade que envolve o exame da imprensa como ator político.

Referências

- DE RIZ, Liliana, *La Política en Suspenso 1966/1976*, Buenos Aires, Paidós, 2000
- DÍAZ, Marcela. “Industrias Culturales y Formas de Identificación Política. Primera Plana y su Rol en la Caída de Illia” In: LLAIRÓ, Maria de Monserrat (comp.). *El Gobierno de Arturo Illia y la Restauración Institucional. Las Relaciones Económicas Internacionales y la Crisis de Gobernabilidad (1963-1966)*. Buenos Aires: Ediciones Cooperativas, 2007.

- DONGHI, Tulio H. *La Democracia de Massas*, Buenos Aires: Paidós, 2000
- CAVLAK, Iuri. “As Relações entre Brasil e Argentina no Início da Guerra Fria”. *História Debates e Tendências*. Passo Fundo, V 6, n 2, 2007.
- GOLDWERT, Marvin, *Democracy, Militarism and Nationalism in Argentina, 1930-1966*, Austin e Londres: University of Texas Press, 1972.
- LONGHI, Raquel R. e SILVEIRA, Mauro C. “A Convergência de Linguagem nos Especiais do Clarín.com. Ver. *Estud. Comun.*, Curitiba, v. 11, n.25, PP. 157-166, maio/ago. 2010.
- NORA, Pierre. “O Retorno do Fato”. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 2 ed., 1979.
- PANDOLFI, Rodolfo e GIBAJA, Emilio. *La Democracia Derrotada. Arturo Illia y su Época*. Buenos Aires: Lumiere, 2008.
- POTASH, Robert, *El Ejercito y la política en la Argentina 1962-1973*, 2 vol, Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1994
- RAPOPORT, Mario e LAUFER, Rubén. “Os Estados Unidos Diante do Brasil e da Argentina: os Golpes Militares da Década de 1960”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, n. 43, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *A Narração do Fato. Notas para Uma Teoria do Acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TARONCHER, Miguel A. *La Caída de Illia. La Trama Oculta del Poder Mediático*. Buenos Aires: Javier Vergara Ed, 2009.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ULANOVSKY, Carlos. *Paran las Rotativas. Diarios, Revistas y Periodistas (1920-1969)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.